

REFLEXÕES ACERCA DE PRÁTICAS DOCENTES NO PIBID: O SOCIOINTERACIONISMO DE VYGOTSKY NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

GLÓRIA RODRIGUES DE OLIVEIRA¹; GRACIELA CARDOSO DOMINGUES²; LETÍCIA STANDER FARIAS³.

¹Universidade Federal de Pelotas – oliveira.gloriarodrigues@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - etecidiomas.gracieladomingues@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – leticia.stander@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Desde o século XIX, o sistema educacional brasileiro tem passado por inúmeras reformas, muitas das quais não priorizaram adequadamente o ensino de língua inglesa. Nos dias de hoje, podemos perceber isso em grande parte das escolas públicas brasileiras, que vêm se limitando ao ensino de regras gramaticais exemplificadas com frases curtas e descontextualizadas, acompanhadas por práticas de repetição características do método audiolingual de ensino (SANTOS, E. S., 2012).

Sabendo-se da necessidade de propor atividades motivadoras que remetam a como os alunos podem encontrar a língua inglesa em diferentes contextos, busca-se neste trabalho explorar uma relação entre o Sociointeracionismo de Vygotsky e as práticas ministradas por integrantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em sala de aula de língua inglesa. De acordo com FIGUEIREDO (2020),

A teoria sociocultural tem influenciado os processos de ensino e aprendizagem de L2/LE, tanto no que se refere a contextos presenciais quanto virtuais, por enfatizar a interação e a importância dos aspectos sociais e colaborativos da aprendizagem.

Considerando-se então a teoria de Vygotsky sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), podemos pensar sobre como o ensino e a aprendizagem de línguas podem ser aprimorados por meio da interação social e da colaboração entre colegas. Para isso, abordaremos no tópico a seguir as metodologias utilizadas para realizar essa pesquisa.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho apresenta-se um estudo bibliográfico de autores que exploram o tema da relação entre Vygotsky e o ensino de línguas estrangeiras. Além disso, apresenta-se exemplos de atividades de ensino de Língua Inglesa ministradas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)

em uma escola pública da cidade de Pelotas/RS, durante o ano de 2023, que contemplam a abordagem sociointeracionista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

L. S. Vygotsky defende que os processos mentais superiores - pensamento, linguagem, comportamento volitivo - estão intrinsecamente ligados a interações sociais, sendo o desenvolvimento cognitivo uma conversão de relações sociais em funções mentais (MOREIRA, M. A., 1999). Esse processo se dá na Zona de Desenvolvimento Proximal, caracterizada por VYGOTSKY (1998) como a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial do indivíduo, medido através da resolução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. Sendo assim, implica-se a necessidade de se fazer uso de metodologias que contemplem a colaboração entre os estudantes, de forma que eles desenvolvam maior autonomia ao realizar suas tarefas e possam desenvolver suas habilidades utilizando de atividades que fujam de abordagens tradicionais.

No que diz respeito às atividades aplicadas durante o período de experiência vigente, é possível perceber que o sociointeracionismo de Vygotsky está constantemente presente nas aulas de língua inglesa: seja em interações que estabeleçam um objetivo (dar e receber conselhos e discutir questões relacionadas a entretenimento, por exemplo) ou em perguntas que direcionam o aluno a encontrar uma solução para os desafios apresentados, mas principalmente na interação entre os estudantes.

Em práticas que visavam desenvolver a capacidade dos estudantes de dar e receber conselhos, foi trabalhado o verbo modal “*should*”, expondo os integrantes da turma à estrutura do modal com o uso de cenas de diferentes filmes. Foram propostas questões que mobilizavam a compreensão básica das cenas e a estrutura gramatical. Em uma intervenção posterior, os estudantes tiveram a possibilidade de aplicar a estrutura oferecendo aos colegas os conselhos sugeridos. Esse tipo de atividade permitiu que os alunos desenvolvessem suas competências comunicativas, ou seja: o conhecimento prático e não necessariamente explicitado das convenções psicológicas, culturais e sociais de uso da língua num quadro social (HYMES, 1972). Além disso, valendo-se do conceito de “scaffolding”, que, segundo FIGUEIREDO (2020), se trata de um apoio que permite que o indivíduo alcance um objetivo e expanda sua zona de desenvolvimento proximal, essa prática promoveu a interação entre os alunos, que foram favorecidos no processo de aquisição da função gramatical do referido verbo modal através do amparo da figura docente.

Segundo GREDLER, E, M (2011), a presença do professor durante atividades realizadas em conjunto é imprescindível, pois por mais que a colaboração e cooperação entre colegas seja proveitosa, ela se torna mais frutífera ao contar com a presença de um adulto capaz perceber onde se encontra a zona de

desenvolvimento proximal do estudante. Tal colaboração é fundamental para que seus horizontes sejam ampliados, permitindo que os alunos possam desenvolver funções mentais mais complexas e não apenas finalizando tarefas (VYGOTSKY *apud* GREDLER, 2012).

Quanto ao objetivo de discutir questões relacionadas a entretenimento, foi proposta uma breve retomada dos adjetivos comparativos. Em seguida, os estudantes formaram grupos para, em conjunto, responder a um quizz de verdadeiro ou falso, levantando plaquinhas. Tal atividade incentivou a colaboração entre colegas para chegar a uma resposta que exigia compreensão leitora de nível básico na língua inglesa e conhecimentos acerca de diferentes personalidades e mídias. Além disso, a atividade mostrou como o inglês pode ser encontrado em contextos interessantes a eles, estimulando a discussão entre colegas e o engajamento com a língua em sala de aula. Através de perguntas realizadas pela dupla de professoras em formação, os estudantes foram capazes de discutir seus conhecimentos prévios e realizar associações para responder ao quizz, desenvolvendo a capacidade de utilizar tais adjetivos.

Todavia, devemos levar em conta que, segundo LANTOLF (2006), produzir estruturas de uma L2 não significa, necessariamente, produzir sentido. Para que isso ocorra, é necessário que haja certo esforço cognitivo ao utilizar a segunda língua como auxiliar de uma situação de aprendizado. Nesse contexto, o professor desempenha o papel fundamental ao reconhecer que o pensamento dirigido é social e se desenvolve através da experiência e da lógica (VYGOTSKY, 1998). No mesmo sentido, vale dizer que, por vezes, há grande falta de interesse dos alunos em aprender o idioma, e o desenvolvimento ocorre em pequenos passos por meio de um conjunto de práticas que fornecem oportunidades de interação e desenvolvimento de uma habilidade. Entretanto, para que haja maior integração da turma às atividades propostas, é necessário que o espaço de ensino-aprendizagem de inglês como L2 seja um ambiente que acolha a individualidade dos alunos, pensando no estudante como alguém que busca alguma coisa através de sua participação em uma atividade sociocultural (MICCOLI, 2021).

Sendo assim, é de extrema importância que os professores de língua inglesa reflitam sobre aspectos sociolinguísticos, valorizando a relevância das interações sociais e priorizando um objetivo relacionado ao aprendizado do idioma. Dessa forma, as práticas da língua estrangeira ganham a chance de se tornarem mais instigantes aos educandos.

4. CONCLUSÕES

Em última análise, a pesquisa enfatizou a presença da teoria de Vygotsky em práticas de ensino de língua inglesa ministradas por integrantes do PIBID. Além disso, demonstrou que dentre de atividades ministradas pelos professores em formação, pode-se perceber maior interesse dos alunos frente a práticas que priorizem interações entre eles e os coloquem em contato com objetivos

realistas. Entretanto, não se pode desconsiderar que existe um desinteresse pelas aulas de língua inglesa dentro da escola pública; não pelo idioma em si, mas pela forma como ele é apresentado. Quando o aluno se depara com o idioma sendo usado em um contexto que seja de seu interesse, é natural que haja inclinação a ser mais ativo em seu processo de aprendizagem. Assim, há chances de que haja maior recepção ao intercâmbio de conhecimento com o outro, permitindo maior aproximação à zona de desenvolvimento potencial e envolvimento com a língua.

Sendo assim, se destaca que para estabelecer inovações desejadas no ensino de línguas, há de se passar por uma herança de obstáculos que são frutos do modelo tradicional de ensino. Um dos meios para isso é contemplar a autonomia dos estudantes dentro de interações significativas para seu contexto, oferecendo oportunidades para que aprendam em conjunto em um ambiente que respeite suas particularidades e processos de aprendizagem. Nelas, é possível que o estudante desenvolva a língua inglesa como uma ferramenta capaz de contribuir com seu desenvolvimento através de sua fala orientada (LANTOLF, 2006), mesmo que isso exija uma dedicação mais significativa de tempo dentro das aulas de língua inglesa.

1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FIGUEIREDO, F. J. Q. **Vygotsky: a interação no ensino/aprendizagem de línguas**. São Paulo: Parábola, 2019.
- GREDLER, M. E. Understanding Vygotsky for the classroom: is it too late?, **Educational Psychology Review, Springer Science**, New York, v.24, n.1, p.113 – 131, 2012.
- HYMES, D. On communicative competence. In: J.B. Pride & J. Holmes (Eds.), **Sociolinguistics: Selected Readings**. Harmondsworth: Penguin, 1972, Cap 2, p. 53 - 72.
- LANTOLF, J. (2006). Sociocultural theory and L2: State of the art. **Studies in Second Language Acquisition, Pennsylvania**. v. 28, n.1, 67-109.
- MICCOLI, L. **Experiências de professores no ensino de língua inglesa: uma categorização com implicações para o ensino e a pesquisa**. Revista Linguagem & Ensino, 10(1), 47-86.
- MOREIRA, M. A. **A teoria da mediação de Vygotsky**. In: MOREIRA, M. A. Teorias de Aprendizagem. São Paulo: EPU, 1999. Cap 7, p. 109 – 122.
- SANTOS, E. S. de S. e. **O Ensino da língua inglesa no Brasil**. Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras, Alagoinhas, BA, v.1, n.1, p.39–46, 2012.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, M. Fontes, 1998.